



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  
PRESIDÊNCIA  
DA REPÚBLICA

---

## AUDIÊNCIA A EMPRESÁRIOS BRASILEIROS E NORTE-AMERICANOS

Palácio do Planalto  
1.º de junho

---

O Presidente Sarney recebe empresários americanos e brasileiros e diz que o Brasil, em breve reintegrado no setor financeiro internacional, irá naturalmente atrair capitais, que encontrarão aqui segurança e bom rendimento.

---

*23 de maio — O Governo brasileiro renegocia sua dívida externa com o Comitê de Bancos Credores Privados. Segundo o ministro Mailson da Nóbrega, o Governo recebeu «sinais positivos» dos credores.*

*— O Presidente José Sarney, durante o encontro com empresários brasileiros e norte-americanos, cita, em seu discurso, a importância do Conselho Empresarial Brasil-Estados Unidos em dirimir dificuldades nas relações internacionais, no que se refere aos setores industrial e comercial.*

**E**u desejo, em primeiro lugar, agradecer esta honrosa visita e ressaltar o quanto me agrada recebê-los aqui na sede do Governo e ao mesmo tempo ressaltar a prioridade com que sempre destacamos nossas relações com os Estados Unidos.

Essa prioridade decorre, certamente, dos vínculos que uniram os nossos dois países ao longo da História. Os Estados Unidos foram o primeiro país a reconhecer a inde-

---

pendência do Brasil. Por duas vezes estivemos juntos, lado a lado, em duas guerras mundiais. E ao longo da nossa trajetória de povos irmãos e amigos temos comungado dos mesmos ideais de liberdade, dos mesmos ideais democráticos e da mesma ambição de haver um mundo de paz e um mundo em que todas as nações possam viver em perfeita harmonia.

Por outro lado, nos unem também, como decorrência dessa postura, a necessidade e a crença de que só através da livre iniciativa nós realmente realizaremos completamente o ideal de liberdade. Sem liberdade econômica não há liberdade política. E cada vez que diminui a liberdade econômica, tenho repetido muitas vezes, diminui sempre a liberdade política.

Portanto, eu quero dizer que desde o princípio do meu Governo, tive como objetivo e, ao mesmo tempo, preguei, reiteradamente, a necessidade do fortalecimento da iniciativa privada e de estimular o seu poder criativo e competitivo. Infelizmente corresponde a esses últimos anos um período que não tem sido dos mais fáceis da história econômica brasileira.

Isso, contudo, não faz com que percamos, em nenhum instante, a esperança e a certeza das nossas potencialidades e do nosso espaço a que temos direito no mundo.

E se hoje temos dificuldades, esperamos superá-las e preparar o Brasil para que ele possa, até o fim do século, no princípio do próximo século, não só ser um grande parceiro como um parceiro importantíssimo nas relações econômicas internacionais.

E em relação aos Estados Unidos, nós temos tido relações econômicas extremamente importantes e mais do que prioritárias, porque são as maiores relações que nós temos individualmente com qualquer país do mundo.

O Conselho Empresarial Brasil-Estados Unidos teve uma motivação muito forte, muito importante, muito necessária, que foi aquela de procurar dirimir dificuldades ou aresta que pudéssemos encontrar nas nossas relações internacionais, no que se refere ao setor industrial e ao setor comercial.

---

E essa visão foi tanto maior porque ela foi há onze anos atrás, e hoje os nossos choques de interesses em alguns setores são mais acentuados do que eram há 11 anos atrás.

Mas o que é importante é que esses choques de interesses não foram capazes, em nenhum momento, de abalar essas relações profundas existentes entre nossos países.

E hoje nós temos relações maduras e procuramos resolver as nossas dificuldades de uma maneira racional, como países absolutamente aptos a discutirem como irmãos os seus problemas.

Por outro lado, politicamente tenho procurado neste País, em todos esses momentos em que temos tido problemas, tenho procurado enfrentá-los de uma maneira racional, sem procurar um terreno emocional que pudesse transformar pequenas questões comerciais, de dificuldades momentâneas, em problemas definitivos de ordem política, que deixassem seqüelas. Ao contrário: corresponde ao período do meu Governo talvez um dos períodos dos mais tranquilos em que não se fez, de nenhuma maneira, proselitismo político e passional em relação às nossas relações.

Esse é um dado que eu considero muito importante.

Quero ao mesmo tempo dizer que nós estamos nos preparando para que o Brasil realmente participe da economia mundial, não se julgando como uma economia autárquica. A nova política industrial é o desfecho de uma posição que vem sendo tomada cerca de dois anos, estudada e que agora amadureceu e se tornou realidade.

O Estado brasileiro ocupou de tal maneira tantos espaços que chegou a um ponto de exaustão. E hoje nós devemos reconhecer que nós não temos, se quisermos, não temos nenhuma condição de interferir mais em setores nos quais não cabe ao Estado interferir.

Sem dúvida, é uma etapa decisiva da história econômica brasileira. Nós esgotamos o modelo de substituição de importações e lançamos ao empresariado nacional o desafio de ele ter de se preparar para um mundo cada vez mais competitivo e afirmar-se internamente em benefício do consumidor nacional, e externamente como um País

---

competitivo num mercado que é cada vez mais agressivo, como sabem todos os senhores.

Finalmente, eu quero dizer que o Brasil apresentou, nesses últimos meses, alguns sinais importantes, sinais esses que, conjugados, nos dão a confiança de que começamos a avistar o fim do túnel. E temos absoluta certeza de que em breve estaremos aptos a nos reintegrar plenamente no setor financeiro internacional, a voltarmos ao nosso interno, ao dinamismo no setor dos investimentos, e a concitar o mercado financeiro internacional a que ele possa voltar a acreditar no nosso País, como sempre acreditou. Há 25 anos temos uma legislação sobre capital estrangeiro. Essa legislação tem se mostrado, até hoje, uma legislação que foi capaz de atrair capitais, de mantê-los aqui em segurança, e de que, ao mesmo tempo, eles tivessem condições de boa remuneração.

Vamos manter esse dinamismo.

O Brasil vai continuar nesse mesmo caminho. E temos absoluta certeza de que contaremos não só com a boa vontade, mas contaremos com a participação dos empresários do mundo inteiro e, particularmente, dos Estados Unidos.

Porque um país como o Brasil não pode ser abandonado, hoje, por homens do presente que deixaram de ter uma visão do futuro, deixando de ver o Brasil como um grande parceiro, como um grande mercado e como um grande país que irá ocupar o seu lugar definitivo na história econômica mundial.